

LITERATURA E OUTRAS LINGUAGENS: LEITURA TEATRAL E ESTUDO DO CONTO NUMA PERSPECTIVA SOCIAL

Edilaine Pereira de Sousa¹

RESUMO

Esta pesquisa trata da adaptação de obras literárias para o teatro e está sendo desenvolvida numa instituição pública, na cidade de salgueiro, envolvendo adolescentes de 12 a 16 anos do ensino básico. O objetivo é fomentar a leitura literária a partir de estudos intersemióticos segundo Plaza (2010) bem estabelecer relações interdiscursivas conforme indica Maingueneau (2012). Trata-se de uma abordagem contemporânea acerca da leitura literária consoante à teoria da recepção que, segundo Zilberman (2003), faz do leitor um coenunciador sendo possível refletir não apenas sobre a temática textual, mas estabelecer outras relações de sentido, refletindo sobre os fatos sociais pelo véis fictício. O trabalho inicial está sendo feito com o conto “Inácio da Diná”, do escritor pernambucano Rafael Rocha Neto. O texto trata do problema da violência urbana, bem como o futuro de crianças e adolescentes que vivem em situação de vulnerabilidade e necessitam de assistência dos órgãos públicos. O resultado é que muitos menores acabam enveredando pela criminalidade. No processo de adaptação, os discentes criaram um pequeno roteiro contendo três cenas. A primeira trata do estupro e morte de Diná; a cena dois mostra Inácio na escola (reformatório) – neste local, torna-se criminoso por influência dos companheiros: carola (usuários de drogas, tirado a gostosão), Bonifácio (com faca na mão, metido a matador), Esperidião (negro metido a valente), etc. A cena três trata da morte de Inácio, o desfecho é dramático, servindo para ilustrar a ineficiência do Estado quanto ao futuro de jovens infratores. Este trabalho tem incentivado os discentes a ter maior apreço à literatura social tão importante como indica Candido (2011). Para ele, a literatura é um instrumento consciente de desmascaramento das mazelas sociais, contribuindo para a formação de sujeitos politizados.

Palavras chave: literatura, leitura, intermedialidade, ludicidade e ensino.

ABSTRACT

This research deals with the adaptation of literary works for the stage and is being developed in a public institution in the town of Salgueiro-Pe. The theater workshops and script creation of small spectacles involving adolescents aged 12 to 16 years of basic education. The goal is to encourage literary reading from intersemiotic studies according Plaza (2010) as well as establish relationships interdiscursive indicates Maingueneau (2012). It is a contemporary approach on the literary reading reception theory according to which, according to Zilberman (2003), makes the reader one coenunciador being can reflect not only on the textual topic, but establish other relationships of meaning, reflecting on the facts the fictitious social véis. The initial work is being done with the story "Ignatius of Dinah", the Pernambuco writer Rafael Rocha Neto. The text deals with the problem of urban violence, as well as the future of children and adolescents living in vulnerable situations and require assistance from public agencies. The result is that many children end up embarking for the crime. In the adaptation process, the students created a small script containing three scenes. The first deals with the rape and murder of Dinah; Scene two shows Ignatius in school (reformatory) - this location, it becomes criminal by the influence of companions: carola (drug user, the removed stud), Boniface (with knife in hand, stuck the killer), Spyridon (black cocky the brave), etc. The three scene comes the death of Ignatius, the outcome is dramatic, serving to illustrate the inefficiency of the state about the future of young offenders. This work has encouraged the students to have a greater appreciation of literature as social as important indicates Candido (2011). For him, literature is a conscious instrument unmasking of social ills, contributing to the formation of politicized subject.

Keywords: literature, reading, intermediality, playfulness and education.

1. INTRODUÇÃO

A ideia de intersemiose literária, relação entre literatura com outras linguagens e artes, configurou-se como algo imprescindível, foco de muitas pesquisas no presente século. Nessa perspectiva, Brait (2010) indica que tais relações formam um todo indissolúvel, cuja unidade exige do leitor a percepção e reconhecimento destas particularidades. Sendo assim, a intersemiose está presente no conto, pois ao analisar certas narrativas, percebe-se a presença das imagens a partir das cenas descritas. Ao estabelecer relação com outras linguagens, o docente instiga nos alunos as diferentes percepções, o que possibilita captar ideias relevantes no momento da reflexividade ficcional.

Assim, a encenação teatral, o processo de adaptação literária são atividades de tradução intersemióticas em que os textos são transpostos em sistemas de signos diferentes. Isso pode envolver de forma não exaustiva o discente com a literatura. Nesse sentido, tal fenômeno possibilita que uma mesma mensagem seja expressa de maneira diversa, considerando que se busca preservar o sentido original do texto em que ocorre tal tradução. Em suma, esta se configura como uma das possibilidades de interpretação textual no ensino básico. Isso ocorre, porque há muitas críticas concernente ao tratamento conferido à literatura nos manuais didáticos do ensino básico.

A análise superficial e forma de abordagem dos gêneros literários em alguns materiais didáticos contribuem para retrocesso no nível de leitura dos alunos. Assim, tais aspectos têm causado “um distanciamento entre literatura e escola” (Geraldí, 2010, p. 64). Além disso, é importante ressaltar que muitos alunos não têm o hábito de ler obras literárias fora do ambiente escolar. Sendo assim, o trabalho com conto envolvendo leitura teatral contribui para maior fruição literária, principalmente quando há identificação do discente com a temática, além de outros aspectos literários conforme preceitua Maingueneau (2008). Nesse sentido, este autor mostra os diferentes percursos para análise literária a partir de uma perspectiva interdiscursiva.

Candido (2011) indica ainda que a leitura literária constitui uma necessidade vital que deve ser satisfeita sob pena de mutilar a personalidade dos indivíduos, além de ser um instrumento poderoso de instrução e educação dos discentes. Maingueneau (2012) trata do processo de interação que ocorre entre os gêneros literários e os coenunciadores do discurso fazendo uma abordagem contemporânea do texto literário pautado em aspectos intersemióticos e interdiscursivos.

Dentro desta perspectiva, a “reflexividade ficcional”, engloba questões sociais no processo de leitura das narrativas ficcionais. Portanto, o objetivo desta pesquisa foi analisar o conto a partir de uma abordagem discursiva, instituindo atividades lúdicas de teatro para apropriação desta narrativa a partir dos estudos intersemióticos literários.

2. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Esta pesquisa teve caráter qualitativo cujo corpus foi composto pelo conto “Inácio de Diná”, do escritor pernambucano Rafael Rocha Neto. A análise teve como base a teoria de Maingueneau (2008), intitulada “semântica global”, que analisa os textos de modo discursivo e estudos de ‘tradução intersemiótica’ veiculada por Plaza (2010).

A atividade de adaptação literária consistiu na transformação do conto para peça teatral iniciando com a criação do roteiro, passando da narrativa ficcional às cenas interpretadas pelos alunos. Neste processo, houve operação semiótica de transferência e algumas manobras como cortes que não prejudicaram o sentido global do texto, bem como a reorganização da narrativa e dos personagens, enfim, a adaptação do cenário de modo que se assemelhasse ao máximo do conto. O grupo foi composto por adolescentes entre 12 a 16 anos em uma instituição pública na cidade de Salgueiro-Pe.

Os procedimentos metodológicos incluíram inicialmente a análise do roteiro, considerando a transposição intersemiótica. Análise de acréscimos, feito pelos alunos para identificar como se constitui o processo de coenunciação discursiva segundo os estudos de Maingueneau (2012). Todos os ensaios e reuniões ocorrem em horário oposto às aulas regulares. Este grupo permanente visa incentivar a leitura, análise e adaptação de obras literárias. O projeto iniciou-se no mês de maio de 2014 e, após as leituras de algumas narrativas, os discentes selecionaram o conto Inácio da Diná para a primeira adaptação por fazer parte da literatura regional, além de apresentar temática interessante, linguagem e modo de enunciação muito envolvente.

Na primeira cena adaptada, os alunos decidiram abordar à temática de modo sintético, com fundo musical dramático em que um narrador traz uma reflexão importante acerca do destino de crianças e adolescentes órfãos que necessitam de assistência governamental. Eles montaram um roteiro conciso discutido a seguir.

3. RESULTADOS E DISCUSSÕES

3.1. Adaptação de Conto social para o teatro – criação de roteiro

A análise de obras literárias envolvendo outras linguagens e artes foi viável nesta pesquisa, pois englobou aptidões diversas dos alunos, possibilitando-os captar ideias relevantes no momento da reflexividade ficcional. Acerca disso, o discente com facilidade para encenar pôde utilizar outras linguagens para interpretar narrativas ficcionais.

Nesse sentido, o fenômeno da “tradução intersemiótica” possibilitou que uma mesma mensagem fosse expressa de maneira diversa, considerando que se busca preservar o sentido original do texto em que ocorre tal tradução. Plaza (2010) indica que o fenômeno da tradução intersemiótica poderá ocorrer com outros signos linguísticos, a exemplo de adaptação de obras literárias para o teatro em que se tem um roteiro. Em suma, a tradução intersemiótica configurou-se como possibilidade de interpretação textual. Acerca disso, Plaza (2010) afirma que:

A tradução intersemiótica ou transmutação consiste na interpretação de signos verbais em não verbais ou de um sistema de signo para outro como da arte verbal para a música, a dança, o cinema, a pintura. A tradução como prática intersemiótica, depende muito mais das qualidades criativas e repertoriais do tradutor, quer dizer, da sua sensibilidade, do que da existência apriorística de um conjunto de normas e teorias. (PLAZA, 2010, P. 210).

Plaza trata dos acréscimos importantes para conferir maior dinamismo no palco. Assim, o grupo de teatro participou de todas as etapas de adaptação literária. Na primeira cena adaptada, os alunos decidiram abordar à temática de modo sintético, com fundo musical dramático em que um narrador traz uma reflexão importante acerca do destino de crianças e adolescentes órfãos que necessitam de assistência governamental. Eles montaram um roteiro conciso que será descrito a seguir, trazendo alguns acréscimos sem alterar a ideia central do conto social.

DESCRIÇÃO DOS PERSONAGENS DA CENA 1

- **Inácio** (garoto de 11 anos), órfão que se envolve na criminalidade após a morte da irmã.
- **Diná** (13 anos), irmã de Inácio, menina protetora do irmão que é estuprada e morta brutalmente.
- **Estuprador**, homem mau e frio que violenta Diná de forma brusca e inescrupulosa;
- **Militares fardados**, dois homens que levam o corpo de Diná após a morte. Retiram-na do casebre.

FIGURANTES DA CENA 1 – cena dramática em que todos estão assustados com a morte de Diná.

- Pessoas curiosas, vizinhos fofoqueiros que comentam baixinho a morte de Diná.
- Pessoas representando as crianças seminusas, magras, de barriga inchada.
- Homens maltrapilhos que falem alto, que encenam a parte do “bulício de gente” quando os vê o corpo de Diná.
- Assistente Social (mulher que engana Inácio, dizendo que ele vai ter um futuro bom após a morte da irmã).

CENA 1 – ESTUPRO E MORTE DE DINÁ - O narrador vai situando os expectadores sobre o assunto tratado no conto. Com fundo musical dramático, ele ler por trás das cortinas uma parte do conto que chama a atenção do Estado para o abandono de crianças e adolescentes, bem como o descaso governamental no Brasil.

CENÁRIO DA CENA 1 – No cenário, devem aparecer casebres e edifícios para tornar a cena real. Por trás das cortinas, devemos colocar a cena do estupro e morte de Diná, que é esfaqueada para evitar exposição dos participantes das cenas. Ouvem-se muitos gritos por trás de um lençol e a voz do estuprador furioso mandando-a calar-se, irando-se e batendo Diná antes de esfaqueá-la.

Importante ressaltar que nesta primeira cena, os alunos evidenciaram com detalhes os cinco primeiros capítulos do conto. Isso enfraquece os argumentos negativos veiculados por alguns céticos que não admitem a interpretação literária envolvendo outras linguagens. Os discentes se preocuparam em conferir dinamismo à encenação, acrescentando falas, mas sem destituir da temática principal que envolve nesta primeira parte do conto, o local do estupro e morte de Diná. A descrição dos personagens foi fiel às cenas apresentadas no conto.

Nesse processo, fica clara a tentativa de adaptação fiel do conto. Do mesmo modo, no roteiro da segunda cena, percebe-se que os discentes tentam veicular as informações principais acerca do futuro de Inácio após a morte de Diná. Para isso, reproduziram a descrição dos garotos que o ajudaram a viver nas ruas e tornar-se marginal. Mesmo com a possibilidade de inserir falas aos personagens, o intuito é mostrar o que representava a escola e o que de fato ela teria ensinado ao protagonista.

ROTEIRO DA CENA 2 – INÁCIO NA ESCOLA. QUAL ESCOLA?

PERSONAGENS DA CENA 2 – os meninos se aproximam dialogando com ele de modo engraçado.

- **CAROLA** (fumante, usuário de drogas, tirado a gostosão) ensina Inácio a fumar usando cigarro fictício.
- **BONIFÁCIO** (com faca na mão, metido a matador), ensina Inácio a esfaquear pessoas usando faca de brinquedo.
- **ENILDO** (homossexual, promíscuo, menino que dorme com todos do reformatório), usa roupas de menina e tenta conquistar Inácio.
- **ESPERIDIÃO** (negro metido a valente) procura confusão com Inácio, mas este se mostra inocente inicialmente.

A cena inicia com a mulher cheirosa de perfume que fala com Inácio (*não se preocupe você vai esquecer tudo isso, vai ser um cidadão honrado. Aprenderá tudo na escola!*)

Podemos trazer humor crítico a esta cena, visto que do 6º ao 10º parágrafo temos a descrição ideal da ESCOLA e dos garotos que ensinam Inácio a entrar na criminalidade.

Obs.: Nesta cena, podemos ter a presença do narrador que vai descrevendo estes personagens à medida que forem aparecendo no palco. Podemos acrescentar algumas falas para eles de modo a ficar claro o envolvimento de Inácio no crime. A trilha sonora será de suspense.

Assim, novamente a ideia contida nos parágrafos é preservada. A última cena mostra o desfecho trágico de Inácio e os discentes fizeram inferências acerca do suposto encontro dos irmãos após a morte. Provavelmente, a última parte da narrativa tenha possibilitado aos alunos fazer tais inferências, devido à descrição do enunciador ao afirmar que Inácio estava com um tiro no peito, mas um sorriso nos lábios. Percebe-se a relevância da teoria da recepção, discutida por Zilbermam (2003) ao indicar que na análise textual, os discentes são coautores, pois participam da construção de sentido do texto. Isso ocorreu, porque devido às sutilezas e particularidades literárias, o leitor é instigado a complementar os espaços, os vazios intencionais deixados pelo narrador. Evidencia-se o interdiscurso preceituado por Maingueneau (2012) já no título da última cena adaptada, pois o suposto encontro de Inácio com Diná no “paraíso” nos remete as convicções e crenças religiosas dos discentes.

As vozes presentes na análise dos alunos foram explícitas nesta última parte do roteiro, pois para os que são adeptos do cristianismo, o paraíso é um local de descanso onde todos os que são salvos por Deus e não condenados ao inferno repousam até o dia do juízo final. Em suma, as marcas interdiscursivas conforme evidenciou Maingueneau (2012) fazem parte da análise dos alunos mesmo que não conheçam as teorias que versam sobre a interdiscursividade. Os acréscimos para a última cena alteraram, mas não anularam as ideias postas pelo enunciador do conto. Isso confirma que com a intermedialidade, os alunos não apenas internalizam à temática tratada no conto, mas se apropriam desta acrescentando ideias relevantes segundo as percepções e ideologias que possuem, bem como o

contexto no qual estão inseridos. Tais alterações são vistos de modo positivo, pois indica autonomia no processo de análise e adaptação do conto.

CENA 3 – MORTE DE INÁCIO! ENCONTRO COM DINÁ NO PARAÍSO

A cena inicia com Inácio sendo perseguido por policiais, mas ficando livre ao oferecer dinheiro para um deles. Após isso, um figurante entra indicando que se passaram alguns meses. Após isso, Inácio na fuga com policiais, mas desta vez sendo ferido por uma bala.

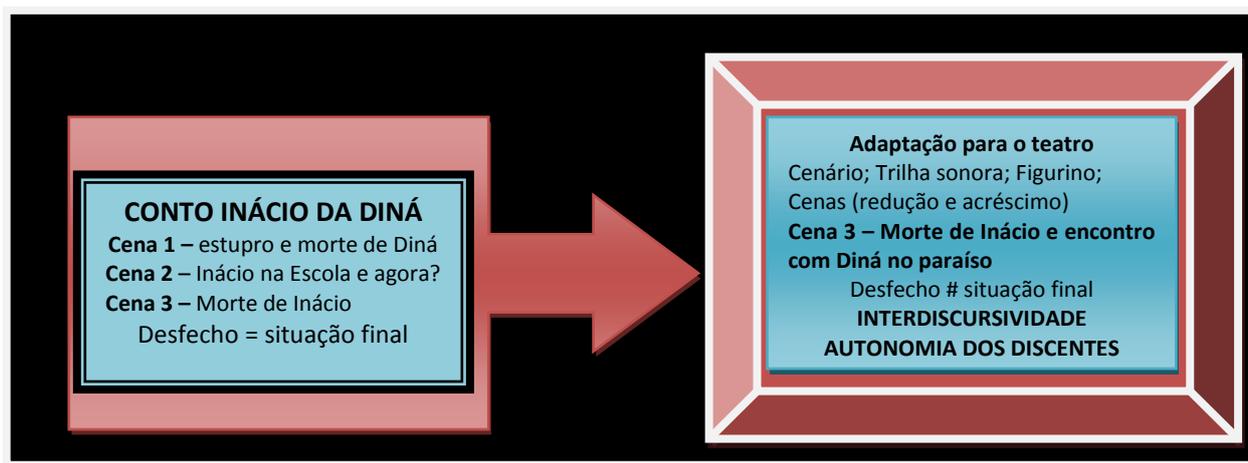
Narrador: faz a leitura do 14º e 15º parágrafos enquanto Inácio vai caindo aos poucos no palco. Inácio fica estirado no palco e vai desfalecendo aos poucos enquanto o trecho da música “Sou Humano” da cantora evangélica, Bruna Carla começa a tocar. O personagem fica agonizando e meio que dramatiza a música, principalmente na hora que diz:

*Deus, mais uma vez segura em minha mão. / Minha alma aflita pede tua atenção /
Cheguei no nível mais difícil até aqui me ajuda a concluir.../ Quando penso que estou fraco, forte eu estou.
Mas quando reconheço que sem ti eu nada sou / Alcanço os lugares impossíveis, me tornou um vencedor.
Estou sentindo minhas forças indo embora / Mas tua presença me renova nesta hora,
Veem e me leva além, / O meu sonho de chegar está tão longe,
Sou humano não consigo ser perfeito, vem e me leva além...*

Quando iniciar a terceira estrofe, Diná entra de branco, toda coberta e pega na mão de Inácio como se estivesse levando o irmão para outro plano, no paraíso de Deus... Eles saem enquanto a segunda parte da música é tocada... isso pode emocionar o povo. E fecham-se as cortinas. Fim!

Importante ressaltar que os discentes atribuíram uma canção suscitando, na última cena, a interdiscursividade ao inserir questões o discurso religioso no desfecho trágico dos personagens “Inácio” e “Diná”. Tais aspectos dialogam com as ideias de Maingueneau (2012) ao inferir que como todo discurso constituinte, a literatura mantém uma dupla relação com outros discursos. O quadro a seguir sintetiza o processo de adaptação iniciado pelos discentes.

Esquema de Tradução intersemiótica: conto social para o teatro

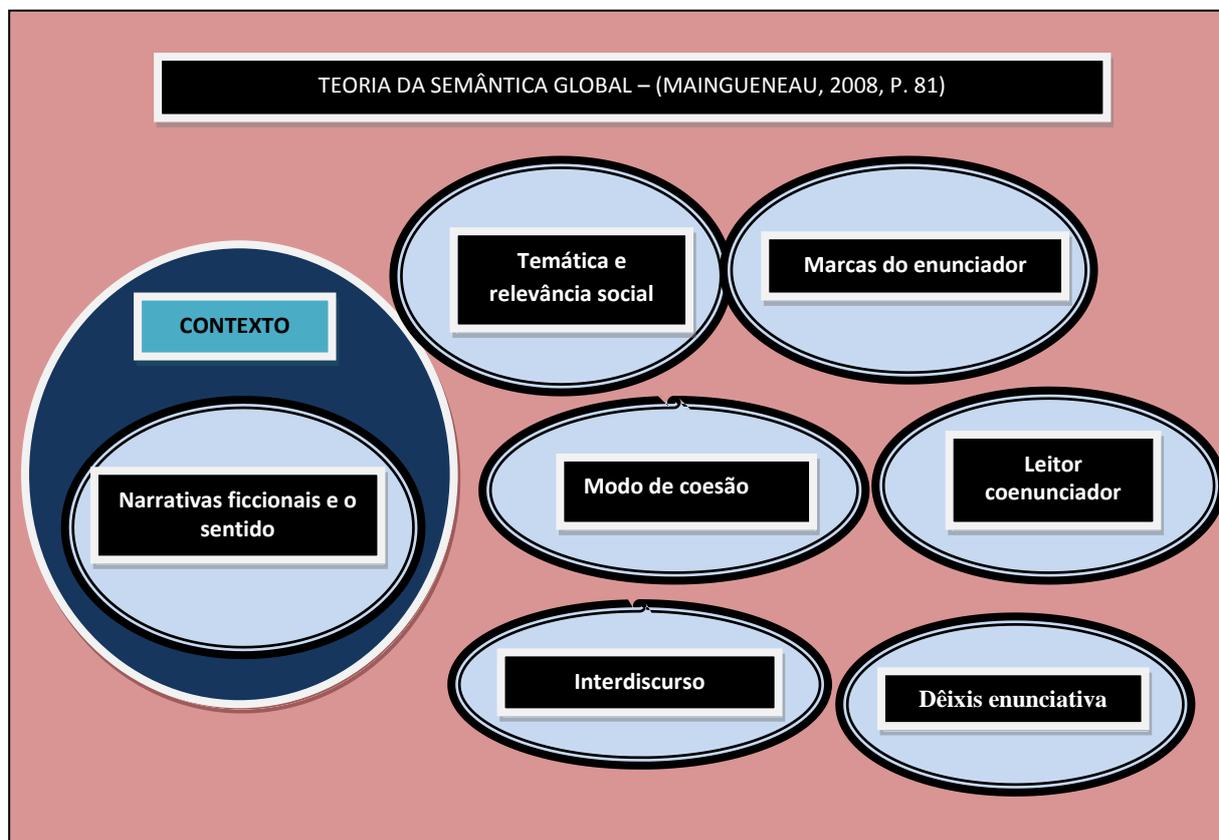


3.2. Relevância da leitura literária como prática discursiva

No ensino fundamental II quase sempre “a leitura literária tem sido rarefeita, ‘metaleitura’ no âmbito escolar. Regina Zilberman (2003, p. 258). Isso significa que a análise das obras literárias tem se constituído considerando fragmentos, resumos, compilações, trechos de narrativas ou poemas. Por isso,

nesta pesquisa, consideramos a leitura integral como prática discursiva em que os sujeitos estabelecem relações diversas de sentido do texto. Isso foi sintetizado no **quadro 1** e nesta ótica, o contexto, o intertexto, o interdiscurso, o modo de enunciação, estatuto do leitor, o modo de coesão foram cruciais para apreensão de sentido textual.

3.2.1. **Quadro 1** – aspectos básicos para análise de narrativas ficcionais



4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O processo intersemiótico, para Plaza, “se revela como um dispositivo que pensa as diversas formas de arte, onde a colaboração entre o lúcido e o lúdico equivale a um equilíbrio entre o sensível e o inteligível”. (PLAZA, 2010, P. 209). Assim, conforme expresso nos PCNs: “A educação em arte propicia o desenvolvimento do pensamento artístico, amplia a sensibilidade, a percepção, a reflexão e a imaginação” (p.15). Nessa ótica, o estudo literário envolvendo diferentes linguagens e artes, constitui como forma dinâmica de se discutir temáticas sociais, contribuindo para fomentar a cultura e o saber artístico.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARTHES, Roland. **O prazer do texto**. Trad. J. Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 1997.
- BARTHES apud TERRA, Ernani. **Leitura do texto literário**. São Paulo: Contexto, 2014
- BAZERMAN, C. **Gênero, agência e escrita**. São Paulo: Cortez, 2006.
- BRECHT, Bertolt. **Estudos sobre teatro**. RJ: Nova Fronteira, 2005.
- _____. Guia de Livros Didáticos (PNLD) – 5ª a 8ª séries. Brasília, DF: MEC, 2011.
- BRAIT, Beth. **Literatura e outras linguagens**. SP: Contexto, 2010
- CHARAUDEAU, Patrick e MAINGUENEAU, Dominique, 2004, **Dicionário de Análise do Discurso**, São Paulo, Contexto. p. 200 – 220.
- CORTÁZAR, Julio. **Alguns aspectos do conto**. Valise de Cronópio. 2 ed. SP: Perspectiva, 1993. P. 63-147
- DERRIDA, Jacques. Gramatologia. Trad. Miriam Chnaiderman e Renato Janine Ribeiro. São Paulo: Perspectiva, 2008.
- DERRIDA, Jacques. Torres de Babel. Trad. Junia Barreto. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.
- DIONÍSIO, A. P e VASCONCELOS, L. J. **Múltiplas linguagens para o ensino médio**/ Clécio Bunzen, Márcia Mendonça (org.) SP: Parábola editorial, 2013.
- FORSTER. Edward Morgan. **Aspectos do romance**. 4 ed. SP: Globo, 2005.
- GARDNER, Howard. **Estruturas da mente: a Teoria das Múltiplas Inteligências**. Porto Alegre: Artes Médicas, c1994. Publicado originalmente em inglês com o título: The frames of the mind: the Theory of Multiple Intelligences, em 1983.
- MAYER, R. Multimídia Learning. Cambridge University Press, 2009, apud DIONÍSIO, P e VASCONCELOS, L. J. **Múltiplas linguagens para o ensino médio**/ Clécio Bunzen, Márcia Mendonça (org.) SP: Parábola editorial, 2013.
- MAINGUENEAU, Dominique. **Discurso literário**. Tradutor Adail Sobral. – 2 ed. – SP: Contexto, 2012.
- _____, Dominique. **Gênese dos discursos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- _____, D. **O contexto da obra literária**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- MARCUSCHI, L. A. **Da fala para a Escrita: atividades de retextualização**. 5.ed. São Paulo: Cortez, 2004 [2001], 134 p.
- _____, L. A. **Gêneros textuais: definição e funcionalidade**. : Lucerna, 2008.
- NIETZSCHE, Friedrich W. **Das vantagens e Inconvenientes da História para a vida**. 1874
- PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS: língua portuguesa. Ensino Fundamental (3º e 4º ciclos). – Brasília, 1997. 144p.
- PETRUCCI, A. **Ler por ler: um futuro para a leitura**. In: CHARTIER, R.; CAVALLO, G. (Org.) História da leitura no mundo ocidental II. São Paulo: Ática, 1999.
- PINTO, José Milton. **As marcas linguísticas da enunciação: esboço de uma gramática enunciativa do Português**. Rio de Janeiro: Numen Ed, 1994.
- PLAZA, Júlio. **Tradução Intersemiótica**. São Paulo: Perspectiva, 2. ed, 2010.
- POE, Edgar Allan. **A filosofia da composição. Ficção completa. Poesia e ensaios**. RJ: Nova Aguilar, 2001. P. 20; 911.
- ROCHA, Neto. **Inácio da Diná**. In: **Novos ficcionistas pernambucanos**: Recife, FUNDARPE, 1992.
- SANDERS, Julie. **Novel Shakespeare: twentieth century women novelists and appropriation**. Manchester: Manchester UP, 2001.
- SANDERS, Julie. **Adaptation and appropriation**. New York/London: Routledge, 2006.
- TERRA, Ernani. **Leitura do texto literário**. São Paulo: Contexto, 2014.
- ZILBERMAN, Regina. **Estética da recepção e história da literatura**. São Paulo: Ática, 2003.

ANEXO

CONTO “INÁCIO DA DINÁ” DE RAFAEL ROCHA NETO (PERNAMBUCANO)

1. Uma casa (?) de madeira, caindo aos pedaços em alguma das margens do Capibaribe. Numa das margens? Coisa de grande monta escrever assim. Talvez alguma área de lama em algum braço morto do rio. Um pedaço de mangue ainda não aterrado em nome do progresso. E do progresso, nestes espaços, para que falar? O mau cheiro das águas parecia vasculhar o perfil do casebre e dos outros casebres alinhados em torno. Qualquer olhar que se norteasse pelo espaço afora, conseguiria ver ao longe os grandes edifícios quase envoltos pela penumbra do entardecer.

2. Um bulício de gente. Ordens. Militares fardados. Mulheres. Umas em pranto. Outras falando por falar. Homens maltrapilhos, descalços. Crianças de barrigas inchadas, nuas, magras. Na realidade, tudo em olhos de espanto. Olhos de comiseração. Olhos de fome e por que não dizer, olhos de miséria e olhos de desconfiança? Policiais militares. Policiais civis. Homens de branco saindo do casebre. Um corpo envolto num lençol sujo. Um rosto de menina. Olhos arregalados injetados de sangue.

3. E sangue. Tudo sangue nessa periferia cidadã. E o rio sujo. O braço morto do rio apresentando o trágico: a vida zumbi de homens e mulheres e meninos e meninas. Contraste com o fumo Hollywood, Carlton em mistura com o fumo barato e as cachimbadas dos velhos mais distantes catando coisas invisíveis na lama marginal.

4. E aos olhos de Inácio, o corpo ensanguentado de Diná envolto no lençol sujo. Os cabelos de Diná: as tranças caídas e balançando-se ao vento. E aos olhos de Inácio, as imagens do homem: nu e bestificado em cima do corpo da irmã, **subindo e descendo, subindo e descendo**, fazendo o sangue escorrer no chão de lama. **Subindo e descendo**, sem ligar aos gritos, sem ligar aos movimentos ásperos de fuga do pequeno corpo de treze anos.

5. E aos olhos de Inácio, o olhar do homem. A faca nas mãos, gestos rápidos de fuga, vestindo-se, ameaçando-o, batendo-lhe furioso no rosto com a palma da mão direita, suada, sangrando de alguma mordida da Diná. Diná se escondendo como um pequeno animal assustado. Um cãozinho que houvesse sofrido uma grande surra e depois, o grito, o pulo sobre o homem, a mordida na garganta e Inácio vendo a faca, subindo e descendo, subindo e descendo, subindo e descendo e o corpo da menina no mole, mole, caindo sobre a lama.

6. Que fazer com o garoto? Levá-lo. Para onde? Nada de perguntas idiotas. O menino não tem ninguém por ele. É órfão. É menor. Para a Fundação? Não. Juizado primeiro. Vamos ver se ele nos diz alguma coisa.

7. Dizer o quê? Não conhecia o homem. Se era dali do meio deles? Não. Nunca o tinha visto. Você está mentindo garoto. Não, não senhor, nunca vi ele. Primeira vez hoje. Nunca o vi. Nunca vi ele.

8. Você vai para a escola, falou a mulher toda cheirosa de perfume. Você vai aprender a ler, escrever, trabalhar. Vai ser um homem. Vai esquecer tudo isso. Aprenderá tudo na escola.

9. A escola? Que seria aquela escola para os seus onze anos? Muitos meninos. Meninos maus. Meninos tristes. O Carola, que fumava cigarros cheirosos encarapitado num imenso pé de jaca? O Bonifácio, que metera um canivete na bunda do vigilante? O Enildo, que dormia na cama de todo o mundo e tinha jeito de menina? O Esperidião, muito alto escuro como carvão e de quem todos tinham medo e diziam que já despachara dois caras da polícia lá pelas bandas de Afogados?

10. A escola? Ele não podia esquecer a escola. A mulher cheirosa de perfume ele lembrava pouco. Só a vira uma vez. Mas, a escola lhe ensinara muita coisa. Ensinara andar macio. Ensinara a fumar aqueles cigarros cheirosos. Ensinara a usar um canivete. E o Bonifácio, o melhor dos professores. Aprendera com ele a lidar com as ruas da cidade, com os edifícios, com as pontes, com os homens, com os soldados, com as mulheres, com os carros...

11. E com o rio?

12. O rio não. Do rio ele tinha medo. O rio lembrava-lhe Diná. O sangue de Diná na lama. O rio lembrava-lhe a morte. Ele não sabia fazer nada contra o rio. Lidar com homens e mulheres, com os tiras, era muito fácil. Uma vez, um policial civil quase o prendera. Usou de todas as artimanhas, sabedorias do mestre Bonifácio, deu-lhe a metade do apurado de um roubo recente e ficou livre. Os homens, são fáceis. As mulheres, são fáceis. Mas, o rio não é fácil. Nem o rio, nem aquele tiro, nem o medo de morrer.

13. Correu pelo calçadão da Rua da Aurora. Ouvia atrás de si as fortes pisadas dos policiais e gritos de raiva. Uma sirene aberta fez doer os seus ouvidos. O sangue molhava sua camisa e pingava sobre o calçadão. Se fosse só os homens. Mas, agora era tudo. Os edifícios pareciam rir dentro da noite. As ruas metiam-lhe medo. Pareciam cheias de fantasmas. Como se estivesse com pena dele a noite escondeu a lua por trás de uma nuvem. Tinha de se esconder logo. Não aguentava mais. Com um salto felino, jogou-se nas águas escuras. O corpo caiu na lama. Arrastou-se sofregamente o conseguiu se esconder embaixo da ponte de ferro, deitando o corpo cansado num dos vãos abertos entre duas colunas.

14. Dormiu e sonhou com Diná. Sonhou com Diná e com a cidade. Os edifícios voando sobre sua cabeça, transformando-se em imagens de demônios. Sonhou com Diná e com o rio. A maré baixa. A maré alta. A maré subindo e nunca descendo. Subindo e nunca descendo. A água tocando-lhe os pés descalços. O frio. O frio. O frio...

15. Com o corpo meio ruído pelos siris ou caranguejos, num dos vãos abertos entre duas colunas, em baixo da Ponte da Boa Vista, com uma bala no peito e um sorriso nos lábios, foi encontrado morto às onze horas do dia seguinte, o corpo de Inácio da Diná.